

# A LIBERDADE TEMÁTICA NA PRODUÇÃO INFANTIL: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA

*Regina Celi Mendes Pereira \**

## 1- INTRODUÇÃO

Desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1998, vêm sendo desenvolvidas discussões em torno da proposta de utilização dos gêneros textuais como instrumento favorecedor das habilidades de produção escrita dos alunos. No entanto, no dia a dia em sala de aula nas escolas públicas, os gêneros textuais não têm recebido um tratamento sistemático que os posicionem como um elemento central no planejamento curricular.

Mais recentemente, Schneuwly e Dolz (1996/2004) apresentaram uma proposta didática para o ensino de língua que se baseia na utilização de um agrupamento de gêneros que seriam trabalhados gradativamente com os alunos de acordo com o nível da turma, submetendo-se ainda ao grau de especificidade, variabilidade e aprofundamento de cada gênero, bem como em concordância com o nível de dificuldade encontrado pelos alunos em cada gênero trabalhado.

De qualquer forma, será necessário ainda um bom tempo, e mais um tanto de discussões em torno do tema, para conseguirmos aplicar em nossa realidade escolar, de

---

\* Professora da Universidade Federal da Paraíba

modo efetivo e generalizado, uma prática pedagógica respaldada por uma proposta curricular que incorpore o trabalho com os gêneros em sua concepção.

Dizemos isso porque atualmente ainda nos deparamos com determinadas práticas de ensino de produção escrita que se distanciam de um trabalho sistemático em torno dos gêneros.

O nosso trabalho, então, focaliza uma dessas estratégias utilizadas regularmente por alguns professores na condução do trabalho com o texto escrito. No entanto, queremos ressaltar que o nosso objetivo não é apresentar falhas ou “culpados” por essa ou aquela prática docente, desejamos sim, divulgar e debater algumas experiências que possam servir como contra-exemplos para determinadas metodologias de produção textual.

## 2- LEVANTAMENTO DO CORPUS

Como se pode deduzir, pelo que foi exposto acima, este trabalho não apresenta um cunho eminentemente teórico. Ele se constitui como uma reflexão em torno de uma prática desenvolvida em sala de aula.

Com esse objetivo, analisamos uma determinada estratégia de produção textual escrita, desenvolvida em uma turma de 3ª série de ensino fundamental, de uma escola municipal de João Pessoa. A atividade consistiu em produzir um texto, usando como

subsídio temático recortes de figuras previamente selecionados pelos alunos, normalmente conhecida por produção livre e sempre vinculada ao discurso narrativo. A professora solicitou aos alunos que, uma vez selecionadas as gravuras ou figuras, contassem uma história cujo enredo se apoiaria na idéia sugerida por elas.

Não houve, portanto, uma exploração prévia sobre os aspectos que poderiam ser desenvolvidos em torno daquelas figuras. Excetuando-se a orientação da professora em casos isolados, quando os alunos, individualmente, solicitavam sua ajuda alegando não terem idéias para desenvolverem o texto, os alunos produziram seus textos livre e espontaneamente, apelando apenas para a sua criatividade.

Procuramos avaliar em que medida esse tipo de atividade, ainda bastante desenvolvida pelos professores, orienta e conduz o aluno na composição de um texto narrativo padrão. Desse modo, analisamos vinte textos levando em consideração os seguintes parâmetros : correlação entre a figura e o título do texto, adequação temática à figura geradora, vinculação do título ao tema sugerido, a progressão temática desenvolvida no texto e fidedignidade à superestrutura narrativa.

### 3- A ANÁLISE DOS TEXTOS: ALGUMAS SURPRESAS E MUITAS CERTEZAS

A análise dos textos escritos pelos alunos nos trouxe a primeira confirmação a uma suspeita inicial: os alunos dispunham de poucos elementos para construir uma narrativa prototípica. Sendo assim, muitos deles prenderam-se literalmente a idéia sugerida pela figura, desenvolvendo textos descritivos. Dos vinte textos analisados, nove fugiram à orientação narrativa e apresentaram-se claramente descritivos.

QUADRO 1

Total de textos	textos descritivos	textos narrativos
20	9	11

QUADRO 2

	Vinculação figura/título	
	SIM	NÃO
9 textos descritivos	7	2
11 textos narrativos	4	7

Também pudemos observar que, ao optar por textos descritivos, obviamente os alunos conseguiam estabelecer uma relação mais estreita entre a figura e o título, aspecto esse não tão evidente nos textos narrativos. Nesses casos, observamos que o título fora elaborado após a conclusão do texto, e condicionado por sua temática, nem sempre coincidente com a sugerida pela figura.

Os onze alunos que produziram textos narrativos tiveram uma certa dificuldade em manter a idéia original sugerida pela figura, desenvolvendo um encadeamento temático desvinculado da idéia inicial. Os alunos inspiraram-se na idéia sugerida só para iniciar o texto, depois o fluxo da narrativa ganhava autonomia.

### QUADRO 3

	<u>Vinculação figura/tema</u>	
	<u>SIM</u>	<u>NÃO</u>
textos descritivos	9	–
textos narrativos	4	7

Outros ainda tentaram ao longo da narrativa criar uma relação “forçada” com o tema sugerido, tentando habilmente na conclusão do texto estabelecer um vínculo com a figura.

Podemos dizer que, na maioria dos casos, a construção temática dos textos foi individual e espontânea, e se a proposta inicial era a de utilizar a figura escolhida como fonte inspiradora, ela pouco ajudou nesse quesito. Esse aspecto também se torna evidente, nos textos narrativos, no que se refere à fraca vinculação título/figura, em contraposição à forte vinculação título/tema.

### QUADRO 4

	<u>Vinculação título / tema</u>	
	<u>SIM</u>	<u>NÃO</u>
textos descritivos	8	1
textos narrativos	8	3

O último aspecto considerado nessa análise que merece destaque é o que diz respeito à fidedignidade à superestrutura narrativa. Levando-se em conta as condições de produção de que os alunos dispunham, não nos surpreendeu que seus textos narrativos revelassem a

falta de planejamento e preparação que os levaram a produzir textos nos quais esteve ausente a superestrutura narrativa, nos moldes preconizados por Labov e Waletzky (1967). Esses autores foram os primeiros a apresentar um modelo padrão para uma superestrutura que consistia em: introdução, complicação, ação, resolução e conclusão. Ainda que outros autores tenham apresentado modelos diferentes de superestrutura, não se pode dizer que eles sejam antagônicos ao primeiro, e de uma certa forma, foi o modelo de Labov e Waletzky que lhes serviu de inspiração.

O que pudemos observar nos textos analisados foi uma total ausência de complicação, doravante conflito, em suas narrativas, e quando um ou outro aluno tentaram inseri-lo em seus textos, via-se que aquilo que poderia ser considerado como um conflito, a rigor não possuía densidade temática para se constituir como tal.

Dos onze textos narrativos, apenas três apresentaram algo que poderia se aproximar um pouco da idéia prototípica do que seja um conflito, mas ainda assim não se mostraram muito convincentes. Apesar dessas dificuldades, percebe-se que intuitivamente os alunos sabem que uma narrativa para ser caracterizada como tal, precisa apresentar um conflito, caso contrário, nas palavras de Labov e Waletzky (1967), não passa de um relato.

Vejam alguns exemplos:

Texto 1- Jhony e Samara voutão á amizade

Johony e Samara estão brincando de cabra cega um dia Jhony foi jamar Samara e Samara como não quis Jjhony ficou com raiva de Samar e eles fisaram intrigados por muitos e muitos tempos até que um dia eles voutaram á ser colegas.

Texto 2 - Os menino jogado voli

Junior e os amigo deli istava brincando de voli na quadra. E as meninas estava atrapalhado eles. Brigaram com ela e as meninas foi diser para a diredora. Ai a diredora foi brigou com os miminos foi para a diredoria.

Texto 3 - A amizade de Sara e Vitor

Vitor e sua amiga Sara ela não queria mais balançar porque estava cansada e Vitor não queria sair mais e Vitor penso bem e não desistiu da idéia de não sair mais quando o pai de Sara segou e o pai dele ele pensou é milor eu deichar ela brincar tambem por que papai briga comigo atequinfim Vitor deichou Sara brincar e ela ficou alegri e foi bricar e ela feis a festa.

Texto 4 - O sonho de Daniel

Era uma vez um menino chamado Daniel ele sempre teve um sonho de ter um rio em sua fazenda demorou uma semana para o sonho dele ser realizado foi uma surpresa para ele ganhar um rio na fazenda dele ele chamou seus amigos para tomar banho e brincar de bola também.

Os três primeiros textos ilustram os casos em que os alunos tentam criar um conflito para as suas narrativas, mesmo que a tentativa não seja assim tão bem sucedida. O texto nº 3, na verdade, reproduz um conflito interior de um dos personagens (Vitor), que se debate entre deixar, ou não, (Sara) brincar no balanço.

Por outro lado, o texto nº 4 revela o que aconteceu com a maioria dos textos narrativos: a quebra do encadeamento da superestrutura narrativa. Especificamente neste caso, estão ausentes o conflito e o desfecho. Além disso, pode-se dizer que, penalizado pela falta de opções, o aluno cria um texto um tanto quanto surrealista, cujo teor fantasioso é ratificado por ele no título.

Em situações como essas o aluno só pode recorrer a essa tão proclamada criatividade, portanto, coitados daqueles que não puderem fazer uso dela no momento de sua produção escrita.

O que nos parece viável nesse contexto de produção textual é que na escolha das figuras, a opção se desse em torno de elementos que pudessem se submeter a uma descrição. O aluno, nessas condições, estaria mais bem orientado, dispondo de mais subsídios para construir seu texto. Existem experiências nesse sentido que revelam a validade dessa iniciativa (cf. CURTO, MORILLO E TEIXIDÓ, 2000).

A produção de textos narrativos (bem como de textos expositivos, argumentativos, injuntivos) exige um tratamento diferenciado, cada um a seu modo, mas que não seja descartado, em nenhum deles, um planejamento criterioso no qual a preocupação com os gêneros textuais deve estar presente.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a restrição de tempo nas apresentações em eventos dessa natureza, finalizamos nosso trabalho com a certeza de que esse tipo de atividade considerada aqui, apesar de pretender ser motivadora para os alunos, apresenta-se tão tradicional quanto àquela em que alguns professores lançam um tema específico, sem qualquer discussão prévia, e solicitam que os alunos produzam seus textos por obra e graça da divina criatividade, acreditando-se que os alunos tenham uma proficiência escrita inata.

Do ponto de vista metodológico, elas são igualmente vagas como recurso de orientação para a produção de textos narrativos. O maior problema dessa atividade é que quando se trabalha com crianças em fase inicial de aprendizagem do código escrito, essa falta de orientação - que se revela na ausência de estratégias interativas de produção textual - tem resultados negativos.

Adotamos neste trabalho a abordagem sociointeracionista da linguagem, inspirada em Vygotsky (1984), Bakhtin (1992) e incorporada por Bronckart (1997) e demais representantes do grupo de Genebra. De acordo com essa orientação, as ações de linguagem são construídas nas interações efetivas entre os indivíduos, disponibilizadas em contextos significativos de interlocução verbal, distante, portanto, da concepção de que a linguagem seja apenas expressão do pensamento e, conforme foi observado em nossa análise, um exercício solitário da criatividade do escritor.

**REFERÊNCIAS**

- CURTO,L.M., MORILLO,M.M. e TEIXIDÓ, M.M. 2000. **Escrever e ler:** como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a ler e escrever.Vol.1. São Paulo: Artmed.
- DOLZ, J., SCHNEUWLY, B. 1996. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência francófona. In: **Gêneros orais e escritos na escola** / Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- LABOV,W.,WALETSKY,J.1967. Narrative analysis:oral versions of personal narratives. In : HELM, J.(ed.). **Essays on verbal and visual arts** .Seatle:[s.n.].